

A LITERATURA BRASILEIRA NA COLEÇÃO BOCA A BOCA

Ieda Magri (UERJ/Faperj)

Resumo: Na medida em que o Brasil é o único país da América Latina de língua portuguesa, nos interessa refletir sobre como se dá a viagem que nossa literatura empreende na língua vizinha. Neste texto, apresentamos uma reflexão sobre a persistência — em um nível — e a suspeita — em outro —, de uma identidade nacional da literatura a partir da leitura de livros (e seus respectivos prefácios, posfácios e apresentações de toda natureza) de alguns autores recentemente traduzidos no Uruguai pela Coleção Boca a Boca, uma parceria entre a editora Yaugurú (Uruguai) e Grua (Brasil) e que obtiveram bolsas do Programa de Apoio à Tradução, da Fundação Biblioteca Nacional.

Palavras-chaves: literatura brasileira; América-Latina, visibilidade, tradução, identidade nacional.

Quando começamos a trabalhar com o acervo de livros de autores brasileiros contemporâneos publicados na América Latina com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional nos movíamos pela pergunta quanto às características textuais e aos temas de tais livros e autores e os fatores em geral que poderiam mover os interesses das editoras na publicação. Dada a proximidade geográfica, para a América Latina o Brasil não é apenas um país distante e exótico, ou, seu exotismo é tão conhecido pelos vizinhos que poderia bem perder o caráter de exotismo. Restaria verificar, assim, se neste recorte geocultural, a América Latina, portanto tomada como espaço geográfico e cultural de proximidade, os livros que estão se publicando desviariam da pauta de interesse no caráter exótico que tanto anima algumas buscas características de leitores europeus.

Para início de conversa, como trabalhar com um conceito como o de literatura brasileira? Enfrentamos aí o primeiro problema colocado já na forma de nomear: uma

literatura denominada brasileira depois de anos de discussão teórica em torno do desfazimento da identidade nacional.

Citemos apenas a revisão das identidades nacionais e culturais feitas por autores como Roberto Bolaño e Enrique Vila-Matas, que pensam uma literatura hispânica, múltipla, mestiça, heterogênea: identidade a ser conformada em termos de língua. Burkhard Pohl, ao analisar o contexto de publicação de autores hispano-americanos na Espanha nos anos 2000 aponta que: “Si por un lado se insiste en la superación de un concepto de literatura nacional del escritor apátrida, por el otro se observa la integración en una comunidad lingüística, definida por el idioma español, que no sólo traspasa las fronteras interamericanas, sino también el Atlántico en dirección a la Península Ibérica” (POHL, 2000, p. 45). A identificação pela língua, no entanto, não consegue facilmente transpor as barreiras, não mais de uma identidade, mas de uma denominação por país de origem, devido um tanto à real fronteira mercantil que faz com que as trocas continuem sendo regidas pelos mercados nacionais e outro tanto pelo peso das fronteiras ideológicas: “un discurso intelectual no conlleva automáticamente la transgresión de fronteras ideológicas.” (p. 49). Para esta última afirmação, Pohl recorre a Achugar: “Contra su supuesta defunción, la nación — entendida como conjunto de emociones, símbolos y sentimientos de pertenencia a una misma comunidad imaginada — sigue teniendo vigencia en amplios sectores de la cultura de América Latina aun cuando ya no se trate de la nación en la formulación homogeneizada del siglo XIX (ACHUGAR, citado por POHL, 2000, p. 49).

É possível sair da demarcação de país (não de nação), marca geográfica, cultural, mas acima de tudo espaço regido pelas leis de mercado para a circulação da literatura? O interesse e o desenvolvimento cultural, as barreiras econômicas, o que faz com que a literatura brasileira traduzida para o espanhol fique circunscrita a cada um dos países da América Latina onde são publicados? (Salvo Argentina e México, que fazem circular entre si algumas coleções). Por que os livros publicados na Argentina não chegam ao Chile e muito menos à Espanha? Por que um livro como *Otra vida*, de Rodrigo Lacerda, tem duas publicações apoiadas pela Biblioteca Nacional (uma no Uruguai, pela Yauguru, em 2012 e outra em Bilbao, Espanha, em 2014)? Por que este livro não está disponível no México ou na Argentina? Como ler ultrapassando o conceito de nação e, no entanto, lendo primeiramente nos limites geográficos da nação, passando pela questão da língua e reinscrevendo-a em outro mapa, espaço de leitura? Como, diante das fronteiras de distribuição transnacionalizar a circulação da literatura?

Quando se trata de pensar a literatura escrita no Brasil em sua circulação pela América Latina, ainda mais a partir do contexto de um projeto oficial, o da Biblioteca Nacional, ligado, por sua vez, a outros projetos oficiais, de outros países, como a Biblioteca Nacional do Uruguai, por exemplo, na coleção que passaremos a abordar em seguida, o nome do país e a denominação literatura brasileira, uruguaia, argentina, chilena, mexicana são incontornáveis.

A coleção, no entanto, assume ou coloca sob suspeita a marca identitária da literatura brasileira como literatura nacional (que emerge de um projeto nacional, do Ministério da Cultura, de uma marca nacional, com investimento financeiro)? O que dizem a coleção, os tradutores e os livros em si? Temos visto emergir uma literatura sem a pretensão de precisar a identidade de um país concreto ou a identidade de uma região comum?

A coleção Boca a boca, realizada em parceria pelas editoras Yaugurú, uruguaia, com sede em Montevideo, e Grua, brasileira, com sede em São Paulo, publicou seis livros de autores brasileiros no Uruguai com apoio da FBN em 2012 e 2013. *A minha alma é irmã de Deus*, de Raimundo Carrero; *As coisas*, de Arnaldo Antunes; *Outra vida*, de Rodrigo Lacerda; *Espinhos e alfinetes*, de João Anzanello Carrascoza; *Antonio*, de Beatriz Bracher e *Pitanga*, de Carlos Eduardo de Magalhães, organizador da coleção. As escolhas dos autores brasileiros foram feitas por ele, à exceção de Arnaldo Antunes, que foi procurado pelos editores uruguaios.

Quanto à seleção de quais projetos de tradução receberiam o apoio da Biblioteca Nacional, segundo Fábio Lima e Moema Salgado, responsáveis pelo projeto, o julgamento pela comissão avaliadora, é mais da relevância do projeto, uma avaliação bastante subjetiva, que não está interessada em medir, a partir do livro em questão, a projeção de uma identidade nacional no estrangeiro e nem a visibilidade dos autores. Fábio Lima, diz, por exemplo: “A comissão chega a um consenso de que mesmo que fosse um autor relativamente desconhecido para o público brasileiro, poderia valer a pena divulgar”. E Moema Salgado diz que “em 2010, com a assinatura do termo de compromisso entre o Ministério da Cultura (MinC) e a Feira do Livro de Frankfurt, houve essa nova compreensão de que a literatura é uma forma importante de penetração internacional da cultura brasileira, o tal do *soft power*, que foi muito falado naquele período do ministério, e o programa seria uma forma de dar perenidade à presença da literatura brasileira no exterior” (MAGRI; RISSARDO, 2015). Essa compreensão,

assim, serviu de incentivo financeiro ao programa por parte do governo, mas, segundo os responsáveis, não influenciou na escolha dos livros a serem apoiados.

Ainda nessa linha, chama a atenção uma certa insistência de Rosário Lázaro, a tradutora de *Otra Vida*, de Rodrigo Lacerda, publicado originalmente em 2009 no Brasil, no prefácio à tradução da edição uruguaia quanto a uma porosidade das referências identitárias: “Si bien se trata de una novela de la narrativa brasileña contemporánea, tal pertenencia no la define por completo, ni agota su posible alcance. O sea, cuenta una historia que podría ocurrir en Brasil, pero también en cualquier otro lugar” (LACERDA, 2012, p. 7). A primeira característica apontada, assim, mira para uma desterritorialização, em voga na literatura brasileira desde 2008, marco aleatório balizado pela primeira publicação da coleção *Amores Expressos*, da Cia das Letras, que incentivava autores a viajar para outros países para ali ambientar uma história de amor. Mas o “desaparecimento da cidade” na literatura brasileira contemporânea foi abordado entre outros autores por Beatriz Resende ainda no final dos anos 1990. Diz ela: “A grande modificação que vai se dando é uma liberdade que se estabelece em relação ao localismo, ao espaço de origem, a origem geográfica da criação literária. Produto da grande cidade mundializada, a ficção brasileira traz para o texto uma relação de mão dupla com outras cidades do mundo. A cidade do romance e do conto brasileiro passa a ser qualquer cidade” (RESENDE, 2002, p. 74-75).

Qual é a estratégia, então, de apresentar a desterritorialização como um dos primeiros valores deste livro que se está publicando em cidade estrangeira e vizinha? Parece marcar uma diferença em relação a uma certa literatura brasileira conhecida mundialmente pelo jargão favela, samba e futebol. Mas também pode estar apontando para uma exigência do mercado transnacional, que se beneficia da polarização exotismo X ausência de marcas nacionais, outra característica forte de adaptação do mercado à oscilação global X local, em que convivem o desfazimento e a afirmação de marcas identitárias. O quanto é resistência ao mais conhecido da literatura brasileira e o quanto é adaptação a uma forte característica do mundo globalizado?

A segunda característica apontada pela tradutora Rosário Lázaro pode ajudar a responder: “Una de las preguntas que surge a partir de la lectura, primer paso hacia la posterior traducción, es la que inquiriere acerca de que tan sujeta a su espacio geográfico, y a su lengua y cultura, está la novela de Lacerda”. Ou seja, o quanto o romance está impregnado das três premissas da identidade nacional. E ela conclui: “Se pode devir que su prosa sustenta y reafirma la contemporaneidad de la historia de esta pequeña familia

de três personas.” (p. 7). Ainda que não seja uma narrativa experimental, parece ter sido decisiva na opção pela tradução, essa característica ligada à contemporaneidade, o distanciamento de uma identificação forte com o nacional/territorial.

Mas seria possível sustentar que há uma ausência de marcas de tal maneira que este romance poderia se passar em qualquer cidade do mundo, que seria passível de identificação para qualquer homem/mulher do mundo? Seria ele tão universal?

O fio de sustentação da trama está alavancado no conflito entre um homem pacato, com pouca ou nenhuma ambição, corpulento e desajeitado, extremamente sensível e mesmo sentimental e uma mulher bonita, de corpo perfeitamente alinhado, em oposição ao homem, ambiciosa. Ele de família pobre, ela de família decadente, mas que experimentou certa posição. Entre eles uma criança, uma menina, chamada simplesmente de “a filha”, assim como “o marido”, “a mulher”. Descrição perfeitamente banal. O traço definidor da tão evocada contemporaneidade é o local onde os acontecimentos se passam: uma rodoviária, o já tão nosso conhecido “não-lugar”.

Mas esses “seres em trânsito”, outra marca forte da contemporaneidade, ou do pós-moderno, são muito pouco seres em trânsito nesse romance. Basta dizer que pese o estado de indecisão da mulher (acompanhar ou não o marido? abandonar o emprego e a cidade e voltar ao local de origem, para uma vida mais modesta e pacata ou renunciar à família e permanecer ali?) e ao de culpa do marido (sobrevivente de um escândalo de corrupção numa estatal, em profundo desajuste com seu corpo imenso) pese o desaparecimento momentâneo da filha, os personagens seguem sua vida, no destino final, idênticos a quando a narrativa começa, 2h e 15min antes, fiéis a seus estereótipos e seguindo a inclinação ideológica pouco disfarçada do autor. A mulher interessada em manter uma posição, insegura com sua beleza, mas jogando com ela, premida pelo desejo de ser gerente de loja de shopping center, avessa à maternidade e a toda uma ideia do que era ser mulher para uma geração anterior; o homem desejoso de uma vida mais saudável, menos complexa, longe da grande cidade. Talvez o diferencial do romance esteja na manipulação do ponto de vista, a la Ian McEwan em *Reparação*, mas com um narrador ainda demasiado colado a um ponto de vista que o autor parece defender: a refutação de um estilo de vida na grande cidade contemporânea.

Gostaria de concentrar minha análise no capítulo central: o meio do livro e o meio do tempo da espera em que se desenrola toda a trama, que começa às 7:15 da manhã e termina às 9:30. São 8:25. No centro do livro, no centro do tempo, no espaço central da rodoviária — de onde todos podem ver o imenso relógio que marca a

passagem das horas e o compasso da narrativa — irrompe um personagem novo, já aguardado pela mulher, o amante. O ponto de vista do amante é o do cinismo desprezível de um assessor de deputado e chefe do marido na grande estatal. É ele quem acaba de descrever a mulher e o marido, revelando de forma cabal o que venho chamando de mal disfarçada ideologia do autor:

Aquele marido não presta mesmo para muita coisa, pensa o amante. Um funcionário público, burocrata de si mesmo. Não é que eles não comunguem da mesma concepção de funcionalismo público, ou da mesma visão para o país, simplesmente o infeliz não tem a menor ideia da sua responsabilidade como cidadão e como funcionário do Estado, não está envolvido em projeto nacional de qualquer espécie (...) Desse ponto de vista, o amante considera aquele marido o oposto da mulher. (...) Comparativamente, é como se o marido fosse o capitalismo brasileiro, com seu complexo de culpa, e a mulher, o modelo americano, sem medo de ser feliz; ele, na vida, é o lobista tupiniquim, cuja atuação, por hipocrisia, não está sujeita a lei nenhuma, ela é o lobista dos países desenvolvidos, um profissional como outro qualquer, com limites dados pela Constituição; ele é o atraso patrimonialista, sugador, demagógico, ela, o choque de competitividade saudável que faz os indivíduos e os povos andarem para frente (LACERDA, 2009, p. 89).

O ponto de vista do autor estará sempre contra esse liberalismo do modelo americano. Dessa maneira, a partir do julgamento do amante, descrito como o pior dos personagens (recebe ordens do deputado, ajudou a culpabilizar o marido, depondo contra ele no processo de investigação de corrupção e sem falar que é o amante, papel de qualquer maneira sórdido e a cada linha mais sublinhado) o narrador vai se colocando ao lado do marido (corrompido por um amigo malandro, numa situação em que a licitação em jogo acabou por ser favorável justamente à empresa que ele deveria facilitar, pai amoroso, contrário às situações de opressão, amante dos animais, sensível à tristeza da filha, amoroso com a mulher) chegando à questão principal defendida no romance pelo ponto de vista do marido:

Por todos os lados, via as pessoas sacrificando justamente aquilo que era mais precioso. O crescimento populacional sacrificava o espaço, provocando acúmulo de objetos, de lixo, de prédios, permitindo lares cada vez mais sufocantes, banheiros cada vez menores, salas e quartos cada vez menores; as ruas sacrificavam a tranquilidade, com os engarrafamentos, as filas, as aglomerações; as pessoas sacrificavam sua segurança, mas não apenas a segurança da integridade física, negativa, também uma forma de segurança positiva, que existiria somente em um contexto pacífico, de raízes bem plantadas, da convivência com os mais velhos e com os outros em geral; a equivocada eleição de prioridades sacrificava as melhores qualidades das pessoas e do país. Assim ele chegou ao buraco para descobrir que estava mesmo fadado a terminar um idealista corrompido” (p. 154).

Tudo se resume, assim, ao repúdio de um ideal de vida na cidade globalizada e uma nostalgia do passado, de um certo mundo tradicional em que a sabedoria dos velhos e a vida comunitária ainda poderiam fazer sentido, anseio demarcado especialmente pela sentença “contexto pacífico, de raízes bem plantadas, da convivência com os mais velhos e com os outros em geral”. Resta saber se essa cidade para onde está indo e que não é nomeada, em busca de outra vida, existe. O que vem à tona é a volta ao “Brasil profundo”. Sim, o país está nomeado. O narrador faz questão de dizer do amante: “Então ele admite um certo prazer em humilhar o filho desajustado do Brasil, pobre, malformado, corrompido e corno até a medula” (p. 89). De maneira que não é verdade que a história se passa num lugar qualquer. Sim, ela poderia acontecer em mais ou menos qualquer outro lugar, não em qualquer lugar: talvez em qualquer país da América Latina, talvez em qualquer país pobre que vive os impasses da globalização, em qualquer país em eterno desenvolvimento, em qualquer país que vive sucessivos escândalos de corrupção. De maneira que as características do Brasil estereotipado estão quase todas aí. Inclusive a caipirinha, as mulheres e o futebol, na conversa entre o marido e o amigo corruptor.

Mas o país não está apenas nomeado. Lacerda, ao tematizar o homem emotivo, afetivo, que se corrompe, toca numa das primeiras questões de uma identidade brasileira, presente no nosso texto de formação mais discutido nos últimos meses, justamente por completar 80 anos de publicação: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. O “homem cordial” como singularidade brasileira é justamente esse homem de Lacerda. Para deixar ainda mais claro o vínculo com *Raízes do Brasil*, o Estado patrimonialista está muito bem representado, os males nacionais estão ligados a esta estatal e à corrupção em torno dela. Lacerda está, visivelmente, buscando inverter o nosso tão famoso “complexo de vira-lata”, colocando acima de tudo os valores desse homem corrompido mas que preferia estar numa roça, por sua ligação ancestral com a natureza, e não competindo com os “povos de espírito”. Que uma mulher faça a correspondência com esse corte do afeto (mais visível pela negação do amor materno em nome do trabalho) é ainda mais problemático, porque torna-se excessivamente conservador, uma denúncia dos “males contemporâneos” de uma ideologia americana do sucesso a destruir os lares brasileiros, onde deveriam viver, antes da globalização, homens e mulheres autenticamente “brasileiros”, amorosos, afetivos, mesmo que por isso mesmo corruptíveis. Além disso, não nos esqueçamos a cadeia da corrupção que

vai da família ao estado e vice-versa, numa simbiose total: o marido corrompido pelo amigo que quer ganhar o dinheiro da estatal é subordinado do amante, que havia corrompido sua mulher e que, por sua vez, é assessor do deputado que cedeu o posto de trabalho por pressão da família da mulher... A elite decadente arruma um jeito de se beneficiar do Estado para garantir o sustento da nova família que se forma sem que isso seja corrupção: a via mais óbvia para explicar todos os males do Brasil.

Mas talvez a questão mais interessante seja o que faz, então, a tradutora ser levada a destacar no livro sua condição de apagamento dos traços que o inscrevem afinal como literatura brasileira que tematiza questões bem brasileiras, inclusive a da identidade nacional como singularidade, tão bem marcada pela descrição do amante que opõe Brasil e EUA?

É evidente, no prefácio da tradutora toda uma recusa das marcas identitárias e mesmo da designação de literatura brasileira. O autor nasceu no Brasil. A língua é diferente. Há uma estranheza vocabular, uma complexidade formal, uma geografia desconhecida mas imaginada, aproximada. A corrupção, a caipirinha, as mulheres, o interior selvagem e desconhecido para onde se pode fugir de ônibus, são meros detalhes que podem ser ainda mais minimizados para o gosto do leitor uruguaio que se quer atingir.

Analisando largamente as complexas relações entre as cultural locais, nacionais e globais, o crítico chileno Juan Poblete chega à conclusão de que “la literatura nacional chilena en tiempos de globalización neoliberal se manifiesta también como el esfuerzo por autoconcebirse en términos posnacionales para acceder al mercado internacional en general y, especialmente, al estadounidense” (POBLETE, 2006, p. 298-299). O que, parece-me, acontece também com a literatura brasileira e com as literaturas da América Latina em geral. E essa, talvez, seja a resposta para o que leva a uma minimização daquilo que tem de nacional especialmente o livro de Rodrigo Lacerda na edição uruguaia. Para sair do Brasil, a literatura brasileira deve responder plenamente ou ao discurso do exótico ou ao discurso do mais universal possível, ainda que alguns livros que se queira traduzir e fazer circular não correspondam plenamente nem a um nem a outro discurso.

Referências

- ANTUNES, Arnaldo. *Las cosas*. Trad. para o espanhol de Héctor Bardanca. Montevideo: Yaugurú, 2012.
- BRACHER, Beatriz. *Antonio*. São Paulo: Editora 34, 2007.
- BRACHER, Beatriz. *Antonio*. Trad. para o espanhol de Rosário Lázaro. Montevideo: Yaugurú, 2013.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Espinas y alfileres*. Trad. para o espanhol de Martín Palacio. Montevideo: Yaugurú, 2012.
- CARRERO, Raimundo. *Minha alma é irmã de Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CARRERO, Raimundo. *Mi alma es hermana de Dios*. Trad. para o espanhol de Rosário Lázaro. Montevideo: Yaugurú, 2012.
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada: reflexões*. São Paulo: Anablume, 2013.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- LACERDA, Rodrigo. *Outra vida*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.
- LACERDA, Rodrigo. *Otra vida*. Trad. para o espanhol de Rosário Lázaro. Montevideo: Yaugurú, 2012.
- LACERDA, Rodrigo. *Otra vida*. Trad. para o espanhol de Antonio Maura. Bilbao: Libros de Pizarra, 2014.
- MAGALHÃES, Carlos Eduardo. *Pitanga*. Trad para o espanhol: Pablo Cordellino Soto. Montevideo: Yaugurú, 2013.
- MAGRI, Ieda; RISSARDO, Agnes. A literatura brasileira no exterior: Moema Salgado e Fábio Lima (FBN). *Z Cultural*, ano 10, n. 2, segundo semestre de 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-literatura-brasileira-no-exterior-moema-salgado-e-fabio-lima-fbn/> Acesso em 1/5/16.
- MIRAVET, Dunia Gras. “Del lado de allá, del lado de acá: estrategias editoriales y el campo literario de la narrativa hispanoamericana actual en España.” In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 604. La Narrativa Hispanoamericana en Espanha. Madrid, 2000.
- POHL, Burkhard. “El discurso transnacional en la difusión de la narrativa latinoamericana.” In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 604. La Narrativa Hispanoamericana en Espanha. Madrid, 2000.

RAMA, Ángel. *Um transculturador do futuro*. AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Adrian. (Orgs.) Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

POBLETE, Juan. “Globalización, mediación cultural Y literatura nacional”. In: SANCHES-PRADO, Ignacio M. *América Latina en la “literatura mundial”*. Pittsburgh: Biblioteca de América, 2006, p. 271-306.